

Comunicação Científica & Lentes do Cotidiano Crônica 5– abril, 2015

ENGARRAFAMENTO & MESA DE BAR

Ierecê Barbosa¹

Eu tentava voltar para casa em meio a um tremendo congestionamento. Abri o porta-luvas do carro em busca de um CD e nada. Eu tinha retirado tudo dali, quando mandei lavar o carro. Liguei o rádio e estava tocando uma música penosa, daquelas que os amantes das lágrimas adoram: ***Se um amor nasceu de uma cerveja / outra cerveja tomarei para esquecer.***

Fiquei pensando na letra, rindo sozinha. Mudei de estação e ouvi: ***De noite eu rondo a cidade a lhe procurar/ sem te encontrar/ no meio de olhares espio em todos os bares você não está/ volto para casa abatida/ desencantada da vida...*** Consegui avançar mais uns cinco metros no caminho de casa, e nova parada.

Aproveitei e mudei de estação, outra vez: ***Você roubou minha paz / meu coração/ não sei mais quem eu sou...*** Eu mereço! Falei com meus botões e apertei o botão novamente: ***E para matar a tristeza só mesa de bar/ vou tomar todas vou me embriagar.***

O clima era de mesa de bar, talvez pelo horário. Mudei mais uma vez e acabei ouvindo: ***De repente você já não vê o que faz mais sentido / e me joga na cara palavras que fazem doer demais/ Bate a porta e me deixa assim/ Sem saber o que faço de mim/Sem saber o que eu digo para mim/Se você me deixar***

Desisti e fiquei ouvindo, olhando a chuva e a vida se arrastando lá fora. Aí me questionei: se o amor é um sentimento tão bonito, o que leva a pessoa a sofrer tanto por amor? A resposta não tardou: O equívoco está na forma de amar que já vem recheada com os saberes aprendidos no contexto cultural, repleto de crenças e sentimentos de posse.

Minha mãe dizia sempre: ***no início tudo são flores, toma cuidado.*** O papai completava: ***toda vassoura nova varre bem.*** Outra frase típica era: ***depois é que complica.*** Eles se referiam ao fato de que o começo do relacionamento é sempre maravilhoso, vive-se o encantamento. Depois vem o sentimento de posse. Um se elege o líder da relação. Se um desiste, o outro aposta na rejeição como ponto alto e parte para a agressão. O ciúme doentio é outro ingrediente que deteriora a relação, pois o medo de perder constrói a perda.

Os grandes desentendimentos começam pequenos, são ofensas mínimas, falas desrespeitosas aqui e ali e logo os conflitos evoluem para as agressões. A trajetória de sofrimento vivida por muitas pessoas parece natural, coisas do amor, o famoso ***entre tapas e beijos***, mas de natural e sadio não têm nada e só crescem com o nosso consentimento. O contraponto com a outra máxima de nossos avós deveria ser feito: ***o pepino se torce quando pequenininho.*** Não torceu, permitiu, já era.

A crença de que ***o amor é cego, surdo, mudo e ainda anda de muletas*** precisa ser questionada. O ser apaixonado não percebe que as insignificantes permissões são portas

¹ Doutora em Educação, Jornalista, Psicanalista Clínica e Professora do Programa de Pós-Graduação em Educação e Ensino de Ciências na Amazônia – PPGEEC/ ENS/ UEA. Email: ierecebarbosa@yahoo.com.br

Comunicação Científica & Lentes do Cotidiano

Crônica 5– abril, 2015

abertas para grandes invasões e o outro vai, em nome do amor, se tornando mais espaçoso a cada dia. Bem, aí o amor já está estragado, já se deteriorou, e provavelmente um dos parceiros ficará trancafiado em uma prisão afetiva, o outro será o dono da chave. Sem ela, o prisioneiro afetivo fica impedido não só de viver, mas também de escrever a sua história, só lhe resta o não lugar ou o de coadjuvante, pois o papel de protagonista só cabe a quem detém o poder na relação. O amor não pode ser cego, caso contrário corremos o risco de legitimar a supremacia do outro sobre nós. Um amor legítimo só sobrevive com a experiência da liberdade de ser, sentir, pensar, externar o pensamento e poder optar pelo que nos faz feliz.

Quando o ser tem sua subjetividade subtraída fica **indisponível** tanto para si quanto para o outro. O viver fica bipartido, ou a pessoa vive totalmente voltada para o outro ou para si. Os dois caminhos são equivocados. O eu precisa do outro para poder crescer, evoluir. O eu sozinho ruma à solidão e sem interação tende à atrofia. Entretanto, um ser para o outro também não é sadio.

A socialização improdutiva, aquela em que a pessoa abre mão de todos os seus projetos pessoais e vive os projetos dos outros, se conformando com os ganhos secundários, é patológica. Isso não é altruísmo, é perda total da subjetividade ou um processo de redenção, envolto em culpas ou promessas.

Encontrar o ponto de equilíbrio é a grande sacada, tudo na vida deve ser dosado: aquele que ama demais se esquece de si, o que ama de menos se esquece do outro. Além do mais, a pessoa precisa ser dona de si para poder se relacionar bem com o outro sem correr o risco de se perder ou deixar que sua subjetividade seja solapada durante a convivência. Um difícil exercício em contextos emprenhados de machismo e crenças, mas necessário a uma convivência sadia. Muitos não rompem com esquemas doentios com medo da solidão e não conseguem entender porque sentem solidão a dois. Não há mágicas e nem receitas milagrosas, mas é bom saber que a solidão mais tenebrosa é a ausência de si.